

Confrontações e diálogos entre exercício profissional e prática de ensino de telejornalismo durante a pandemia de covid-19

Confrontations and dialogues between
professional practice and teaching TV
journalism during the covid-19 pandemic

Confrontaciones y diálogos entre
la práctica profesional y la práctica
docente del teleperiodismo durante
la pandemia de la covid-19



Hendry Anderson André

hendryoandre@gmail.com

Doutor em Jornalismo pela Universidade
Federal de Santa Catarina

Enviado em: 04/10/2022

Aceito em: 24/04/2024

DOI: 10.46952/rebej.v14i33.918

RESUMO

Resultado de uma experiência de ensino realizada em formato de seminário na disciplina Telejornalismo 1, ministrada no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o artigo confronta desafios impostos a profissionais e estudantes de jornalismo durante a pandemia. Após uma revisão teórica sobre transformações nas rotinas produtivas e no ensino ao longo da crise sanitária, o texto apresenta os principais resultados de seis entrevistas semiestruturadas realizadas com jornalistas que atuaram na cobertura sobre a covid-19. Para além das diferenças entre os modos de se produzir em laboratório e profissionalmente, observa-se que o estabelecimento de diálogo entre graduandos e jornalistas propiciou maior engajamento com a atividade e reflexões sobre a relevância do ofício.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de jornalismo. Telejornalismo. Rotinas produtivas. Pandemia.

ABSTRACT

The scientific paper results of a teaching activity conducted in a seminar format (TV Journalism 1). This paper confronts some challenges imposed on journalism professionals and students during the covid-19 pandemic. After a theoretical review about transformations in production routines and in journalism teaching throughout the pandemic, the text presents some results of six semi-structured interviews. The interviews were applied to journalists who worked in the coverage of covid-19. In addition to the differences between the ways of producing news professionally and in the laboratory, it is observed that the possibility of establishing dialogues between university students and professional journalists provided greater student engagement and reflections about the relevance of the journalism.

KEYWORDS

Teaching journalism. Television journalism. Productive routines. Pandemic.

RESUMEN

Fruto de una práctica pedagógica realizada en formato seminario (Teleperiodismo 1), este trabajo busca enfrentar los desafíos impuestos a los profesionales y estudiantes de periodismo durante la pandemia. Tras una revisión teórica sobre las transformaciones en las rutinas productivas y la enseñanza a lo largo de la crisis sanitaria, el texto presenta los principales resultados de seis entrevistas semiestructuradas, realizadas por estudiantes de disciplina con periodistas que actuaron en la cobertura sobre el covid-19. Además de las diferencias entre las formas de producir profesionalmente y en el laboratorio, se observa que la posibilidad de establecer diálogos entre estudiantes universitarios y periodistas proporcionó un mayor compromiso con la actividad y reflexiones sobre la relevancia del oficio.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza del periodismo. Periodismo televisivo. Rotinas produtivas. Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou uma pandemia, em março de 2020, uma crise sanitária sem precedentes em mais de cem anos se estabeleceu. Debates sobre os potenciais riscos causados pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), medidas restritivas de circulação, uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), políticas públicas para garantir bem-estar social às populações mais vulneráveis e, tão importante, a busca pelo desenvolvimento seguida pela distribuição de imunizantes passaram a integrar a vida cotidiana. Por ocupar um dos principais campos de visibilidade mediada para informar sobre temas de interesse público (Thompson, 2013), o jornalismo, uma prática social historicamente complexa e orgânica, foi obrigado a se reinventar durante uma situação de emergência sanitária imersa a um contexto de excesso de informações (Prazeres; Ratier, 2020) no qual, singular e paradoxalmente, há prevalência de desinformação.

Essas peculiaridades refrataram diretamente na prática e no ensino de jornalismo. Em relação à profissão, uma pesquisa realizada por Capoano e Barros (2020) no primeiro ano da pandemia com 227 jornalistas brasileiros revelou que 95,4% dos respondentes alegaram ter sofrido algum tipo de impacto na rotina de trabalho. Já no campo pedagógico, as modificações perpassaram do ensino remoto emergencial (ERE) às novas formas de produzir, laboratorialmente, notícias, em um contexto inóspito para uma cultura profissional que tende a valorizar o imediatismo e a ida a campo (Traquina, 2005; Travancas, 2011). Em pouco tempo, salas de aula se transformaram em verdadeiras comunidades virtuais, o que lançou obstáculos a docentes e discentes sobre a necessidade de entender e estruturar um modelo virtual de aprendizagem (Moreira; Henriques; Barros, 2020).

O contexto se torna mais fatigante em sociedades do desempenho (Han, 2017), um modelo de organização que cultua em todas as dimensões da vida, do ensino à prática jornalística, a velocidade. Com essas premissas, no presente estudo busca-se apresentar e problematizar uma experiência com estudantes matriculados na disciplina Telejornalismo 1, ofertada no segundo semestre letivo de 2020 no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Nela houve uma preocupação em confrontar a dinâmica de elaboração de produtos audiovisuais laboratoriais com as novidades nas rotinas produtivas de jornalistas profissionais durante a pandemia.

Realizada em formato de seminário, uma metodologia ativa e de gênese construtivista, a atividade, organizada com base em um questionário semiestruturado distribuído aos estudantes para que aplicassem junto a jornalistas, visou confrontar o conteúdo programático com a realidade social vivida pelos profissionais. Às equipes, divididas em duplas ou trios, caberia identificar dilemas, desafios, adaptações e perspectivas desses profissionais que atuavam na época em televisão a partir dos temas tratados em aula e da bibliografia consultada. Além das entrevistas, os discentes tiveram que entregar e apresentar um relatório descritivo-analítico com reflexões sobre o exercício da profissão no período. Nele, seriam diagnosticadas e problematizadas mudanças e permanências na forma de se produzir telejornalismo, que seriam, na sequência, comparadas com a experiência de produção do primeiro telejornal, desenvolvido paralelamente na disciplina.

No texto, primeiro versa-se sobre os impasses técnicos, éticos e de sentidos que jornalistas enfrentaram ao longo da pandemia, o que leva à observação de que há rupturas e permanências nas rotinas produtivas. Em seguida, parte-se para uma argumentação sobre o

ensino de jornalismo e do instrumento pedagógico seminário — este, por se estruturar pela lógica do construtivismo, permite identificar “novas formas de realismo que se distinguem das formas clássicas que questionam o ‘dado’, o ‘naturalizado’, o fato jornalístico dentro de uma perspectiva praticamente essencialista” (Pereira Júnior; Rocha, 2011, p. 748). Após a descrição dos procedimentos metodológicos, observa-se na análise que a ampliação do diálogo entre discentes e profissionais propiciou maior engajamento pedagógico e reflexões sobre o ofício.

2 DESAFIOS TÉCNICOS, ÉTICOS E DE SENTIDOS AO JORNALISMO

A literatura examinada para este estudo sobre rotinas produtivas de jornalistas durante a pandemia majoritariamente destaca que o período trouxe desafios técnicos, mas também deontológicos e ontológicos à profissão, ponto que aproxima a discussão das teorias do jornalismo, sobretudo daquelas ligadas ao paradigma da sociologia do jornalismo. Por partir de uma base construcionista da notícia (Pereira Júnior; Rocha, 2011; Traquina, 2005), essa abordagem oferece rico espaço para o exercício da *práxis*, ou seja, para que a ação (prática laboratorial) e a reflexão (um olhar crítico sobre a atividade de ensino a partir da realidade social enfrentada por profissionais) sejam entendidas como dimensões solidárias entre si (Freire, 1987).

Dito isso, após 227 entrevistas com jornalistas brasileiros, Capoano e Barros (2020) construíram um perfil profissional cujos atributos demarcam um tipo de pessoa usualmente jovem, atuante no maior centro urbano do país e sem qualquer tipo de especialização na cobertura de temas da área de saúde. Este ator social vivenciou ainda uma conjuntura de precarização: trabalhou no período remotamente, mas aumentou a carga de responsabilidades — um predicado, bem verdade, que tem sido observado antes da própria crise sanitária (Nicoletti, 2019). Sofreu ainda constrangimentos e/ou impedimentos para realizar a função (Capoano; Barros, 2020).

Já Miranda, Fidalgo e Martins (2021) aplicaram uma pesquisa com 890 jornalistas portugueses para entender como a pandemia impactou valores deontológicos, bem como reconfigurou alguns aspectos da redação. Fórmulas remotas despersonalizadas de contato, embora não tenham trazido diminuição de afazeres, foram a principal ruptura identificada pelos participantes do estudo. Em seguida, a percepção na redução da interação social no ambiente da redação e o conflito, evidenciado pela lógica remota, entre responsabilidades profissionais e pessoais. Todos esses fatores, segundo os autores, apontam que as questões decorrentes da crise sanitária acentuaram dilemas da ocupação.

Amparados no mesmo banco de dados, Camponez e Oliveira (2021) voltaram as atenções às expectativas que os jornalistas têm de si e da profissão. O destaque fica por conta de a crise sanitária ter agravado a insatisfação com a atividade, de modo que 45% dos participantes responderam que o abandono do ofício nos anos subsequentes era “provável” ou “muito provável”. Observa-se, de antemão, que as características citadas por Miranda, Fidalgo e Martins (2021) e a consequência identificada por Camponez e Oliveira (2021), de certa maneira, também afetaram a vida cotidiana de estudantes universitários, embora nem sempre tenham sido identificadas no grupo consultado.

Patrício (2020), por outro lado, focou, em uma pesquisa exploratória seguida por um *survey* com profissionais de 17 iniciativas, no jornalismo independente, termo entendido pelo investigador como um nicho específico e mais crítico quando comparado à mídia corporativa

hegemônica. Ao contrário das investigações anteriores, a condição do trabalho remoto foi, para metade dos respondentes, mais tranquila que a própria ocupação presencial. Em que pese o baixo número de participantes quando comparada aos dois estudos precedentes, o resultado indica, no mínimo, perspectivas distintas sobre o fazer jornalístico na pandemia.

Quando o recorte se volta a produções audiovisuais, Mesquita e Vizeu (2020) destacam o papel de reinvenção permanente do jornalismo enquanto prática social ao avaliarem o telejornalismo, um lugar de referência e a audiência como partícipe das narrativas. Durante a pandemia, o estudo elencou algumas especificidades na relação entre telejornais e público. Além do aumento no tempo de veiculação de telejornais então monotemáticos, os autores destacam, a partir da noção de comunidades imaginadas (Anderson, 2005), que as audiências passaram a se relacionar pelas redes sociais mediadas pelos telejornais, o que ajudaria a explicar o crescimento da confiança nos telejornais perceptível pelo aumento das audiências.

Ao elaborarem uma análise estruturada pela materialidade audiovisual — perspectiva teórico-metodológica desenvolvida por Coutinho (2018) e que analisa produtos jornalísticos sem decompô-los em frações que acabariam por descaracterizar a própria experiência de consumo dos telejornais —, Caleffi e Pereira (2020) buscaram compreender implicações da pandemia por intermédio de conteúdos veiculados no noticiário Bom dia Paraná, matutino transmitido pela RPCTV, afiliada da Rede Globo no estado do Paraná. Entre os resultados, observa-se um processo audiovisual de apresentação das mudanças com o público: a criação de um espaço específico para a apresentação da previsão do tempo, a exibição da porta do estúdio aberta para ampliar a circulação de ar, o uso de EPIs, o respeito de uma distância de 1,5 metro entre jornalistas e fontes, a adoção de entrevistas remotas e o incentivo à participação do público pela internet são apenas alguns dos pontos elencados pelas autoras como mudanças substanciais apresentadas visualmente ao público.

Já Martins (2020), ao propor uma análise exploratória do Bom Dia Brasil e do Jornal Nacional, ambos veiculados na maior emissora do país, destaca que a pandemia impôs a ascensão no telejornalismo profissional de uma estética mais amadora, que partiu da aceitação do uso de imagens com baixa resolução e sem grandes preocupações com enquadramentos e movimentos de câmera, o que na opinião da autora aproximou esses dois noticiários notoriamente marcados pela preocupação com a qualidade técnica das imagens a uma percepção mais espontânea, vinculada a um estatuto de realidade.

Essa questão do amadorismo, elencada pela pesquisadora em dois telejornais da Rede Globo, integra a estética de noticiários de origem sensacionalista veiculados nas demais emissoras de televisão aberta há um bom tempo, conforme observado em trabalho anterior (André, 2021), e ganhou ainda mais protagonismo na última década, período marcado pela popularização das redes sociais. O declínio do telejornalismo de bancada e a consequente valorização de uma linguagem mais informal, a menor preocupação com a qualidade técnica das imagens transmitidas e o próprio agendamento de temas a partir de assuntos originários nas redes sociais são aspectos que se forjaram dentro de um segmento escanteado pelos estudos sobre televisão no Brasil e que, como bem identificado por Martins (2020), passam a configurar os modos de produção de telejornais tidos como de referência.

Por fim, o caráter didático e pedagógico da cobertura, algo que reforça a ideia do jornalismo enquanto forma de conhecimento (Genro Filho, 1987), ou como um “espaço de segurança” (Martins et al., 2020, p. 53), também foi um ponto valorizado na bibliografia consultada. Todas essas questões precisaram ser trabalhadas em sala de aula para a compreensão das formas de produção do telejornalismo durante e, especialmente, após a pandemia.

3 SEMINÁRIO COMO PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA DE ENSINO

Ao abordar questões relativas à educação na sociedade do cansaço, termo cunhado por Han (2017), Dias (2021) alerta que pandemias geram impactos sociais, econômicos e políticos. Se o mundo desacelerou inicialmente, quando populações permaneceram em casa, essa paralisação proporcionou um sério déficit de aprendizagem para estudantes de todos os níveis de ensino, especialmente porque as instituições estiveram entre as mais impactadas pela crise sanitária. A título de exemplificação, no início de 2022, segundo notícia publicada pela Associação Nacional das Universidades Particulares (ANUP, 2022), apenas duas universidades federais, entre as mais de 60 instituições brasileiras, estavam com suas atividades acadêmicas normatizadas integralmente no sistema presencial.

O ensino remoto emergencial (ERE) surgiu improvisado e impôs desafios, adaptações e rupturas. Nele, o docente enfrenta um processo complexo para estabelecer coesão entre aulas síncronas e assíncronas, organizar e avaliar tarefas em equipe e, finalmente, propor exercícios em disciplinas práticas, como nas audiovisuais. A última percepção é ratificada por Barreto, Ghisleni e Becker (2021), quando os autores ilustram que a maioria dos professores dos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo da instituição onde realizaram uma pesquisa avalia que as disciplinas podem ser “adaptáveis” ao ERE, ainda que haja dificuldades específicas naquelas ligadas ao audiovisual. Esse resultado decorre de tecnologias e espaços próprios para a produção, comumente disponíveis nos laboratórios das universidades. O professor, além de instigar o aprendizado de novas tecnologias, precisa abandonar a percepção de transmissor de conhecimentos para “guiar o processo de aprendizagem do estudante de forma a desenvolver as suas capacidades, nomeadamente de aprender a aprender, da sua autoaprendizagem e da sua autonomia” (Moreira; Henriques; Barros, 2020, p. 354).

Atingir esse anseio é particularmente instigante no ensino do jornalismo, uma prática social orgânica e cuja formação ganha pertinência quando estruturada por uma lógica construtivista. Assim, em uma sociedade na qual cresce há pelos menos duas décadas a desconfiança sobre a legitimidade do jornalismo (Kovach; Rosenstiel, 2003; Toff et al., 2020), em que as discussões sobre papel dos profissionais “têm enfatizado o descentramento de sua ação no âmbito dos agendamentos e controle de pauta” (Lima; Caetano, 2015, p. 13), torna-se emergente estudar tais mudanças.

Essa questão, que perpassa o processo de ensino-aprendizagem, costuma ser mais bem estabelecida mediante uma confrontação dialética entre prática e teoria, dimensões que podem ser identificadas em propostas pedagógicas pautadas por metodologias ativas e de gênese construtivista, como o seminário. A empiria, para além da aplicação de técnicas, entendida como um modo de agir reflexivo; a teoria, similar a uma lente direcionada sobre determinada realidade, com a possibilidade de enxergar circunstâncias que estão além do alcance dos olhos (Genro Filho, 1987). Quando teoria e prática se associam, cresce a tendência em formar profissionais para o diálogo, já que o ato de se comunicar precisa se articular dos fundamentos da *práxis* (Freire, 1987).

Avaliado, finalmente, como uma jornada para o conhecimento, o processo de ensino-aprendizagem funda-se em uma lógica construtivista. Mais que um paradigma pedagógico para conciliar teoria e prática, o construtivismo tem como objeto de estudo a própria educação. Assim, se toda “ação constitutiva do conhecimento pressupõe uma relação entre sujeito

cognitivo e objeto de conhecimento” (Pereira Júnior; Rocha, 2011, p. 749), sujeito e objeto, de forma dialética, precisam se construir reiteradamente durante a aprendizagem. Uma abordagem construtivista precisa, portanto, primeiro lançar olhares para uma realidade dada com a intenção de desconstruí-la. A alternativa é formular questões: quais transformações a atividade sofreu com a pandemia? Em que grau essas reconfigurações atingiram o modo de produção? Houve rupturas nas bases fundantes do trabalho?

Longe de uma ação retórica, o ato de questionar auxilia na compreensão do passado, cria desafios para o tempo presente e lança interpretações sobre o porvir. Por mais que respostas definitivas sobre a maior parte das questões sejam inviáveis, simplesmente porque lidam com um contexto complexo, multifacetado, instável e em andamento, qualquer abordagem pedagógica precisa se fundamentar por circunstâncias da realidade (Henriques, 2018). Não quaisquer pontos, mas aqueles que, mesmo incapazes de solucionar o problema, façam com que o discente reflita sobre o papel da profissão e do profissional.

Nesse sentido, o seminário é um rico espaço para a confrontação dialética entre abstração e experiência. Especialmente, quando essa perspectiva pedagógica lida com a produção de notícias — um artefato, mas também um produto comunicativo resultante de uma série de práticas desenvolvidas por atores coletivos em contextos diversos que busca descrever, necessariamente por meio de representações sociais dos acontecimentos, a realidade cotidiana (Alsina, 2009). Tais questões serão exploradas na análise, imediatamente após a apresentação dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente estudo busca-se apresentar e problematizar uma experiência de ensino de jornalismo com estudantes matriculados na disciplina Telejornalismo 1, ofertada no segundo semestre letivo de 2020 (que ocorreu, por questões de atraso no calendário acadêmico, entre maio e agosto de 2021) a estudantes do terceiro período do curso de Jornalismo da UFPR. Nela houve uma preocupação em confrontar a dinâmica de elaboração de produtos audiovisuais laboratoriais — notas, reportagens e uma edição-piloto de telejornal — com as adversidades que jornalistas profissionais enfrentavam antes e durante a pandemia. Procurou-se com a iniciativa constituir uma prática pedagógico-didática ativa e construtivista, sustentada por conhecimentos elaborados colaborativamente.

Pensada em formato de seminário, a atividade partiu de um questionário semiestruturado criado pelo autor, o docente responsável pela disciplina, e aprovado e aplicado pela turma após alguns ajustes em comum acordo. Na primeira parte do instrumento de pesquisa, formada por questões fechadas, visou-se identificar o perfil socioeconômico¹. Na segunda, as questões abertas foram subdivididas em dois blocos. No primeiro foram abordados temas ligados às rotinas produtivas durante a pandemia², enquanto no segundo foram pinçadas

¹ Questão 1. Município/estado de origem; 2. Faixa etária; 3. Tipo de instituição onde cursou jornalismo; 4. Nome da instituição e ano de formação; 5. Se cursa/cursou outra graduação; 6. Se cursa/cursou especialização ou MBA; 7. Se cursa/cursou mestrado e, caso afirmativo, doutorado; 8. Quantos empregos na área de jornalismo possui; 9. Regime de trabalho na principal atividade profissional; 10. Meio(s) de comunicação onde já atuou; 11. Meio(s) de comunicação onde atua; 12. Tempo de atuação no veículo jornalístico onde trabalha; 13. Funções que já ocupou no veículo; e 14. Funções que ocupa no veículo atual.

² Questão 15. Quando e por que seu telejornal decidiu voltar as atenções para a cobertura da covid-19? Foi uma decisão acertada? Por quê?; 16. Quais foram as orientações e cuidados que a empresa onde trabalha tomou?; 17. Você foi orientado a trabalhar em casa? A usar máscara? Houve fornecimento de equipamentos de segurança?

percepções dos respondentes sobre rupturas e permanências no telejornalismo após a crise sanitária³.

Ao todo, a turma foi dividida em dez equipes (duplas ou trios), das quais seis, selecionadas para este estudo, realizaram a atividade seguindo todas as orientações. Cada grupo deveria produzir uma entrevista com um jornalista que trabalhava na época em televisão — os encontros, virtuais, ocorreram de julho ao início de agosto de 2021. Além delas, os estudantes entregariam e apresentariam um relatório descritivo-analítico, entre quatro e cinco páginas, com reflexões sobre o exercício da profissão no período oriundas dos temas tratados em sala e da bibliografia consultada. Nele, era preciso um esforço para diagnosticar e problematizar mudanças e permanências na forma de se produzir telejornalismo, ação que seria confrontada com a experiência de produção do primeiro telejornal, criado paralelamente na disciplina.

A seleção dos participantes, bem como o agendamento da conversa, ficou a critério das equipes, o que, pedagogicamente, foi frutífero, à medida que os estudantes escolheram profissionais que admiravam e/ou queriam conhecer a dinâmica de trabalho. O diálogo deveria ser gravado em áudio ou vídeo, e as respostas, transcritas e enviadas como apêndice do relatório. Como sugestão de estrutura, o documento seria dividido em duas partes. A primeira reuniria: a) apontamentos históricos do telejornal escolhido; b) linha editorial; c) abrangência; d) público-alvo; e) Outras informações pertinentes encontradas pelo grupo na pesquisa exploratória. Já na segunda parte, a equipe deveria analisar as respostas, confrontando-as com leituras e discussões desenvolvidas em sala.

Ao término do semestre, após a produção e entrega do telejornal, a turma apresentou os resultados da atividade, sendo avaliada pela demonstração de conhecimento a respeito das rotinas produtivas, tratamento noticioso, bem como potenciais rupturas e permanências na forma de se produzir telejornalismo a partir da cobertura da crise sanitária.

Os relatórios foram analisados por meio de uma análise de conteúdo, método que consiste na reunião dos dados por inferências, isto é, por padrões de respostas que passam a ser identificados e que estabelecem, entre si, a possibilidade de aferição de discrepâncias e regularidades (Bardin, 2010). No próximo item são apresentados o perfil profissional e os principais resultados da atividade.

5 EXERCÍCIO PROFISSIONAL E PRÁTICA LABORATORIAL

O grupo de jornalistas é formado por seis mulheres, a maioria na faixa entre 30 e 50 anos, de três diferentes grupos de comunicação. Embora mencionadas na atividade em sala, aqui as entrevistadas não estão identificadas. Quando se avalia o perfil, quatro trabalham em TV aberta e duas em TV fechada — há participantes do mercado de Curitiba e do interior do

Quais?; 18. Você ou alguém da equipe foi infectado pelo vírus? Como foi o processo?; 19. Descreva detalhadamente sua rotina de trabalho desde o início da pandemia; 20. Houve pontos positivos nas mudanças nas rotinas de trabalho? Quais?; 21. Houve pontos negativos nas mudanças nas rotinas de trabalho? Quais?; 22. Em relação ao tratamento noticioso, quais os pontos positivos que você destaca na cobertura do telejornal onde trabalha?; 23. Em relação ao tratamento noticioso, quais os pontos negativos que você destaca na cobertura do telejornal onde trabalha?

³ Questão 24. O que explica o aumento dos índices de audiência dos telejornais após o início da pandemia? Houve mudanças significativas na audiência do seu telejornal? Quais suas percepções?; 25. A pandemia provou que o telejornalismo tradicional é útil às pessoas? Por quê?; 26. Houve grande negacionismo ao longo da pandemia. O telejornal que você trabalha voltou atenções às questões ligadas à desinformação? Como foi o processo?; 27. A pandemia deixa aprendizados relativos à interação com o público? Quais?; 28. Quais mudanças na forma de se pensar e produzir telejornalismo permanecerão depois do fim da pandemia?

estado do Paraná. Todas têm dedicação exclusiva ao emprego (seja por escolha ou obrigação contratual), e, excetuadas E1 e E3, possuem vínculo empregatício estabelecido via carteira de trabalho. A maior parte formou-se em universidade pública (E2, E4, E5 e E6) e nenhuma frequentou outra graduação. Excluída E2, todas cursam/cursaram pós-graduação *latu sensu* e/ou *stricto sensu*.

Hoje atuam apenas em televisão, mas há repórteres com experiências anteriores em meios impressos (E1, E2, E3 e E5), sonoros (E1, E3, E4, E5 e E6) e digitais (E1, E2, E3 e E6). Uma integrante atua na função de apresentadora (E1) e outra na pauta (E2), enquanto as demais são repórteres. Metade trabalha no noticiário atual há menos de dois anos. E5 e E6 estão entre cinco e dez anos na empresa corrente, enquanto E4 é a repórter mais antiga. Excetuadas E2, sempre pauteira, e E3 e E6, sempre repórteres, as demais ocupam ou já ocuparam duas ou mais funções em televisão.

Em que pese o tempo de redação para a maior parte do grupo (apenas uma das participantes se graduou há menos de uma década), há consenso que a pandemia trouxe adversidades estruturantes ao jornalismo, aspecto que interferiu na rotina produtiva das entrevistadas no período e que é consonante ao verificado na bibliografia consultada. De modo geral, a relevância do jornalismo no período — sobretudo devido à postura de serviço e de combate ao negacionismo de determinados setores — foi valorizada. A covid-19, segundo a pauteira E2, “trouxo as pessoas de volta” a um jornalismo que, para a repórter E4, passou a valorizar a transparência da cobertura, especialmente em relação a explicações sobre o processo de apuração. Em contrapartida, aspectos negativos ligados a problemas relativos à saúde mental e física foram recorrentemente citados. O aumento do tempo de veiculação dos telejornais ampliou a pressão sobre as profissionais, que tiveram de buscar formas alternativas de produção, dentro do próprio estúdio ou, no caso específico de E1, em casa, para cobrir o assunto. Aqui, aliás, parece haver uma especificidade da televisão em relação aos demais meios: o teletrabalho impactou o telejornalismo de maneira particular.

A flexibilidade para construir as atrações noticiosas, como as interações remotas, foi um ponto positivo identificado pelo grupo, o que compensou a dificuldade de se aproximar das fontes, condição notada, sobretudo, pelas repórteres, mas o telejornalismo das grandes corporações jamais foi remoto, salvo a profissionais que pertenciam a grupos de risco ou que foram afastados por suspeitas de contaminação pelo novo coronavírus. A pauteira E2 exemplifica que o ato de trabalhar de casa “nunca foi discutido” na emissora. “A produção de programas diários e formatos como reportagens, boletins e notas cobertas ou peladas”, avalia a repórter E6, “exige uma estrutura não compatível com o teletrabalho”. Essa peculiaridade reforçou a importância dos telejornais, mas por outro lado ajudou a expandir o esgotamento da força de trabalho, e pode ser vista como a principal diferença observada em relação ao referencial teórico consultado.

Todas perceberam crescimento na audiência dos telejornais em que atuam, ocasionada pela lógica monotemática de grande interesse público, algo que com o tempo foi interpretado como um ponto negativo no tratamento jornalístico das notícias, ainda que o grupo admita, com certa razão, dificuldades para pensar em abordagens distintas da escolhida. O jornalismo passou a ter mais espaço na programação, o que auxiliou no esgotamento do tema e obrigou alguns noticiários a diversificarem a pauta (E2, E4, E5 e E6), quase sempre de modo coincidente com baixas nas taxas de contaminação do coronavírus e/ou de períodos de reduções de mortes: “Quando a situação amenizava, conseguíamos dar um respiro e trazer outras pautas que não estavam relacionadas ao assunto” (E4). É importante perceber que parte significativa do grupo

alegou ter tido maior flexibilidade para sugerir pautas diversificadas, fruto também do aumento do tempo de veiculação dos programas.

No grupo das repórteres, a maior dificuldade foi se deparar com pessoas nas ruas, o que reforçou a necessidade de priorizar a informação frente à estética. Tecnicamente, a emergência de imagens amadoras somada às medidas restritivas e às exigências de tratamento de dados exigiu aprimoramento de questões vinculadas ao videografismo, algo que valorizou a abordagem didática do jornalismo. A prioridade à praticidade e à informação em detrimento da estética, conforme destacado no referencial teórico (Martins, 2020; André, 2021), permitiu a aceitação de entrevistas remotas e o uso de microfones exclusivos para as fontes, ao passo que aumentou a dependência de especialistas e, principalmente, fontes oficiais⁴.

O auxílio das empresas, como a disponibilização de testes e EPIs, além do afastamento ao sinal de contaminação, foi valorizado pela maioria absoluta do grupo. Há menções sobre investimentos em comunicação interna, com boletins sobre as condições de saúde dentro da redação, e a divisão em equipes de trabalho menores e em carga horárias distintas. Ainda assim, houve quem fosse afastada por suspeita ou diagnóstico confirmado (E2, E3 e E5). Segundo a pauteira E2, pelo menos 80% do quadro de funcionários em algum momento foi detectado com covid-19. Já E5 foi a única a contrair o vírus na equipe, enquanto E1, E4 e E6 não haviam sido infectadas até a realização dos encontros, entre meados de julho e início de agosto de 2021. A repórter E4, aliás, revela que a ida a campo criava potenciais possibilidades de contágio. “Fui aos lugares mais complicados: hospital, posto de saúde e entrevista coletiva. A situação em entrevistas coletivas era a pior, era uma coisa de ficar indignada, porque tinha aglomeração. E, se não ficasse amontoado, você perdia a entrevista” (E4).

Por trabalharem em noticiários que seguem a lógica da cobertura *hard news*, todas as jornalistas afirmam que passaram a cobrir o tema coronavírus ainda antes de a doença ser considerada uma pandemia, em março de 2020, atitude vista como correta pelo grupo. “Jornalisticamente falando, surgiu muito assunto para abordar, muita coisa para explicar” (E3). A abundância, porém, não significou facilidade na forma de cobrir um tema que exigia certos conhecimentos sobre a lógica de funcionamento de estudos científicos. “Se sabia muito pouco [sobre a covid-19], então a gente tinha costume de ficar colocando muito especialista para falar, dando dicas. No começo ficávamos falando de qualquer estudo que aparecia, até nos tocarmos que teriam muitos estudos e que todos precisavam de uma revisão [por pares]” (E2).

Flexibilidade, economia de tempo ocasionada pela incorporação de novas tecnologias no trabalho, ampliação da autonomia e oportunidade para elaborar materiais mais longos e de cunho social, políticas editoriais de transparência sobre a gravidade da situação, incorporação acelerada de tecnologias nas rotinas produtivas e questões de higienização com os equipamentos foram aspectos mencionados como pontos positivos na nova rotina de trabalho.

Já as questões psicológicas foram o predomínio negativo mais citado. “Não tenho a opção igual [a de] algumas amigas minhas que não são jornalistas [...]. Não tem muito como separar o pessoal do profissional”, relata a pauteira E2. “A gente ainda está absorvendo os dados, o que está acontecendo em tempo real, mas tudo isso mexeu muito com a nossa cabeça, e acho que vai mexer por um bom tempo”, alega a apresentadora E1. “Trabalhar sozinha foi extremamente negativo para mim”, opina a repórter E4, cuja opinião é também compartilhada por E3, E5 e E6.

⁴ Devido a dificuldades no fornecimento de dados diários sobre a situação da covid-19 pelo Ministério da Saúde, os veículos G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL atuaram em conjunto, desde 8 de junho de 2020, para divulgar registros de casos, mortes e, mais tarde, vacinados.

O aumento na média geral de audiência dos telejornais foi motivado, em especial, pelo medo e a tendência de aceitar a televisão como uma fonte segura de informação. “A TV tem perdido espaço, mas ao mesmo tempo, para acompanhamento de eventos ao vivo, a televisão é excelente [...] A pandemia mostrou que a força da TV é muito grande” (E3). No período, o “telejornal mostrou o que estava acontecendo na cidade: os números, os índices, a movimentação. Acho que o telejornal sempre foi útil para a sociedade, mas essa utilidade ganhou uma nova face na pandemia” (E5).

De acordo com as fontes consultadas para este artigo, essa característica do meio foi primordial para o enfrentamento à desinformação, elemento que tem se tornado um critério de noticiabilidade e cuja solução parece distante. “A gente tem essa concepção de que desmentir não é o suficiente para combater a desinformação, mas contar a verdade em seus mínimos detalhes sim” (E4). “O negacionismo foi combatido como ele tem que ser combatido. Batemos de frente, não ‘passamos pano’ para negacionistas. O jornalismo foi bem combativo nesse sentido. No começo queriam falar de leve, mas depois entendemos que não podíamos, porque as pessoas estão morrendo pelo negacionismo” (E6).

Já na produção jornalística entre estudantes, observou-se, tanto nos relatórios descritivos-analíticos quanto na apresentação do seminário, momentos em que o jornalismo foi defendido como uma prática social crucial para o combate à desinformação. A denúncia enfática sobre tratamentos cientificamente ineficazes, a importância de explicar a necessidade de medidas de distanciamento social e o convencimento sobre a relevância de se imunizar foram pontos reconhecidos como fundamentais pelos estudantes. A convergência entre valores exprimidos pelas entrevistadas e questões que norteiam o ensino de jornalismo — informações verificáveis e, por vezes, de teor didático, voltadas ao interesse público — propiciou maior engajamento e reflexões sobre a relevância da atividade.

Dito isso, a turma foi dividida em dois grupos, cada um responsável por gravar um telejornal-piloto de até 15 minutos fora do estúdio de televisão da universidade e com equipamentos particulares. Essa foi a principal disparidade em relação ao trabalho das profissionais, já que o produto laboratorial seria construído remotamente. A necessidade proporcionou que a turma passasse a aceitar a ideia de que o conteúdo deveria prevalecer perante a forma, característica, aliás, comum em metodologias de ensino-aprendizagem pautadas pela lógica construtivista. Ao todo, duas iniciativas de videografismo foram produzidas com vistas a melhorar a apresentação de dados, além de cinco reportagens (três delas com entrevistas presenciais) e três boletins. O restante foi preenchido com notas cobertas e secas.

De modo similar aos telejornais profissionais, os dois noticiários cobriram a pandemia de forma quase monotemática. No primeiro, de sete temas veiculados, cinco se relacionavam com a crise sanitária, enquanto, no segundo, dois dos quatro. Entre as principais características dos programas estava a produção de entrevistas remotas com especialistas. Se os telejornais tiveram um enfoque mais local, com temas ligados ao princípio de utilidade pública, por outro foi observada grande dependência de fontes oficiais e especializadas.

Além de entrevistas presenciais e remotas, houve grande apropriação de bancos públicos de imagens, de fotos e de imagens de redes sociais, da plataforma *Google Street View*, além da produção de imagens em *close* (quase sempre caseiras).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho buscou-se confrontar desafios impostos a profissionais e estudantes de jornalismo durante a pandemia a partir de uma experiência de seminário realizada na disciplina Telejornalismo 1, ofertada para o terceiro período do curso de Jornalismo da UFPR. Desenvolvida em meio a preocupações com o ensino remoto emergencial, a atividade propiciou que discentes se aproximassem das mudanças nas rotinas produtivas enfrentadas por seis jornalistas televisivas e, até certo ponto, diminuíssem inseguranças em relação ao pensar e fazer jornalismo.

Como principal resultado, observa-se que a possibilidade de proporcionar um diálogo entre os discentes e jornalistas profissionais propiciou maior engajamento com a atividade e reflexões sobre a relevância da profissão. A decisão, por exemplo, de dividir a turma pela metade, cada uma responsável por gravar um telejornal-piloto fora do estúdio de televisão da universidade e com equipamentos particulares, principal disparidade em relação aos desafios enfrentados no jornalismo profissional, passou a ser aceita progressivamente, algo comum em metodologias de ensino-aprendizagem pautadas por uma lógica construcionista, à medida que a classe passou a entender que a experiência de produzir o primeiro telejornal deveria prevalecer frente às questões estéticas. Tentativas — algumas boas, outras nem tanto — de investir tempo em videografismo e de realizar entrevistas com especialistas remotamente foram realizadas para tornar os produtos mais didáticos.

Dentro das condições emergenciais possíveis no ensino remoto emergencial, as duas equipes souberam como avaliar criticamente os impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo a partir do exemplo da pandemia. Ao fim do processo, a estética amadora de produtos jornalísticos caseiros se tornou menos importante que a percepção do grupo de estudantes sobre a responsabilidade do jornalismo em meio à crise sanitária.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ANDERSON, C. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- ANDRÉ, H. Quando dilemas viram rotinas: desafios éticos na produção de noticiários criminais. **Ação Midiática**, Curitiba, p. 177-197, jan. 2021.
- ANUP. Associação Nacional das Universidades Particulares. (Brasília) (org.). **Universidades só voltam agora ao ensino presencial**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3yLJUAn>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARRETO, C. H. C.; GHISLENI, T. S.; BECKER, E. L. S. Educação em tempos de pandemia: ensino remoto pela visão docente nos cursos de publicidade e propaganda e de jornalismo na universidade franciscana. **Travessias**, Cascavel, v. 15, n. 3, p. 99-117, dez. 2021.
- CALEFFI, R.; PEREIRA, A. De frente para a TV, testemunhamos um novo modo de fazer jornalismo. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I (org.). **A (Re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. p.71-84.

**Confrontações e diálogos entre exercício profissional e prática
de ensino de telejornalismo durante a pandemia de covid-19**

CAMPONEZ, C.; OLIVEIRA, M. Jornalismo em contexto de crise sanitária: representações da profissão e expectativas dos jornalistas. *Comunicação e Sociedade*, São Paulo, n. 39, p. 251-267, 2021.

CAPOANO, E.; BARROS, V. T. Jovem, dedicado, confinado e prejudicado: **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2020.

COUTINHO, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. **Epistemologia do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. P. 175-194.

DIAS, E. A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 565-573, set. 2021.

E1. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Nome dos estudantes. Cidade, agosto, 2021.

E2. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Nome dos estudantes. Cidade, junho, 2021.

E3. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Nome dos estudantes. Cidade, agosto, 2021.

E4. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Nome dos estudantes. Cidade, junho, 2021.

E5. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Nome dos estudantes. Cidade, 2021.

E6. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Nome dos estudantes. Cidade, junho, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HENRIQUES, R. P. O problema da objetividade jornalística: duas perspectivas. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa (BA), v. 17, n. 1, p. 256-268, 2018.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LIMA, M. R. D. V. de; CAETANO, K. E. Implicações epistemológicas da pesquisa sobre novas práticas jornalísticas: por onde começar? **Revista Famecos**, v. 22, n. 3, p. 1-16, 2015.

MARTINS, M. O. A ascensão de estratégias amadoras no telejornalismo profissional: uma nova visibilidade potencializada pelas limitações técnicas trazidas pela Covid-19. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I (org.). **A (Re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 99-113.

MARTINS, S. et al. Sobre isolamentos e demarcações sociais: o lugar do jornalista de TV em tempos de pandemia. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I (org.). **A (Re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 56-57.

**Confrontações e diálogos entre exercício profissional e prática
de ensino de telejornalismo durante a pandemia de covid-19**

MESQUITA, G.; VIZEU, A. Em tempo de coronavírus nos telejornais: o “lugar de referência” e a “audiência potente” na produção da notícia. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I (org.). **A (Re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 18-35.

MIRANDA, J.; FIDALGO, J.; MARTINS, P. Jornalistas em tempos de pandemia: novas rotinas profissionais, novos desafios éticos. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, n. 39, p. 287-307, abr. 2020.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-363, abr. 2020.

NICOLETI, J. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. 2019. 298 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

PATRÍCIO, E. Jornalismo e pandemia: impactos da covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente. **Revista Pauta Geral**, Ponta Grossa, v. 7, p. 1-18, 2020.

PEREIRA JÚNIOR, A. E. V.; ROCHA, H. C. L. da. Jornalismo construtivista: algumas considerações epistemológicas. **Revista Famecos**, v. 18, n. 3, p. 746, 2011.

PRAZERES, M.; RATIER, R. O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e *media literacy*. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 1, p. 86-95, 18 jun. 2020.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TOFF, B. et al. What we think we know and what we want to know: perspectives on trust in news in a changing world. **Reuters Institute for the Study of Journalism**. Oxford: 2020.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística — uma comunidade interpretativa transnacional. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2011.